

<i>Censatarios</i>	<i>tbs.</i>	<i>Agua</i>	<i>Censu</i>
Navarrete, Juan	3		153
Navarro de Molina, Juan			24,5
Ortega, Juan de	1	1 cuarto	90
Pérez, Pedro			186
Riopal, Alonso	1	1 cuarto	60
Rodríguez, Ginés (su mujer)	1		90
Ros, Ginés (su mujer)	1	1 hora	20
Salitrera, la		Media hora	20
San Mateo, Pedro de			227,5
Sanguerresa, Juan de	1	1 cuarto	40,5
Teruel, Juan de	2	Media tercia	96
Übeda, Hernando	1		75,5

Fuente: AHN, Órdenes Militares, Mss. Santiago 1225C, págs. 41-50.

## REFRANES QUE DIZEN LAS VIEJAS TRAS EL HUEGO

*Refranes que dicen las viejas tras el huego* é, como se sabe, o título da mais antiga colectânea de provérbios populares impressa na Península Ibérica. Atribuída ao Marquês de Santillana, Íñigo López de Mendoza, apareceu em Sevilha em 1508. A autoria foi posta em dúvida pelo seu editor moderno, R. Fouché Delbosc<sup>1</sup>, mas os eruditos actuais não parecem demasiado impressionados com os seus argumentos<sup>2</sup>. Seja como for, a colectânea é justamente considerada como a mais importante recolha quatrocentista de provérbios populares ibéricos<sup>3</sup>.

Uma das suas características mais curiosas é, justamente, a atribuição dos refrões às *velhas*. Este pormenor, que não me parece ter chamado até agora a atenção dos estudiosos, pode-se aproximar de outras menções paralelas. Assim, por exemplo, Gil Vicente, fala de um dito como «exemplo da velha»<sup>4</sup>; Sá de Miranda menciona outro afirmando «dizem-no as velhas»<sup>5</sup>.

Ora, que eu saiba, estas atribuições são as únicas que sugerem algum tipo de «autor», ou de «emissor» para os provérbios populares. Os textos medievais e renascentistas que conheço acerca desta questão usam termos como *vervo*, *dito*, *exemplo*, *fala*, *regra*, *verso*, *rifão* ou *sengo*, e adjectivam-no em *comum*, *velho*, *antigo*, *dioso*, *acostumado*, ou mesmo *bom*, mas não lhe apontam autores ou emissores<sup>6</sup>. Quando os colocam na boca de alguém, este alguém só deixa de ser indeterminado na idade e no sexo quando surge, nos casos já citados, como *velha(s)*.

Sendo assim, creio que merece a pena examinar os provérbios medievais conhecidos para tentar verificar se neles o tema da *velha* corrobora de alguma maneira a função desempenhada por ela na criação e na transmissão da sabedoria

<sup>1</sup> R. FOULCHE-DELBOSC, *Refranes que dicen las viejas tras el huego*, «Revue Hispanique», 25 (1911). Cf. G. M. BERTINI, «Quaderni Ibero-Americani», 17 (1955).

<sup>2</sup> DOMINGO YNDURAIN, *Los poetas mayores del XV*, in J. María Díez BORQUE, *Historia de la literatura española*, I. *La edad media*, Madrid, Taurus, 1980, p. 466; ELEANOR S. O'KANE, *Refranes y frases proverbiales españolas de la Edad Media*, Madrid, Real Academia Española, 1959, p. 17.

<sup>3</sup> ELEANOR S. O'KANE, *l.c.*

<sup>4</sup> Citado por Teófilo BRAGA, *Adagiário Português*, «Revista Lusitana», 18 (1915), p. 54.

<sup>5</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 59.

<sup>6</sup> Provérbio: *A demanda do Graal* (ed. A. MAGNE, R. de Janeiro, 1944, v. II, p. 16); *verv'antigo*: João Soares Coelho (ed. M. RODRIGUES LAPA, *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*, Coimbra, 1970, p. 331); exemplo: Fernão Lopes (*Crónica de D. João*, I, 2.ª parte, c. 131); exemplo velho: Gil Vicente (cit. por Teófilo BRAGA, in «Revista Lusitana», *l.c.*); exemplo dioso (*Id.*, *ibid.*); comum: Fernão Lopes (*o. c.*, c. 198); regra: Fernão Lopes (*o. c.*, c. 20); verso acostumado: Gil Vicente (cit. por Teófilo BRAGA, *l.c.*); bom sengo antigo: Sá de Miranda (cit. por Teófilo BRAGA, *l.c.*).

popular. A excelente colecção organizada por Eleanor S. O'Kane em 1959<sup>7</sup> facilita a elementar sondagem que em seguida apresento.

Examinados os treze refrões aí registrados<sup>8</sup>, começamos por descobrir que apenas dois têm um correspondente masculino: *La vieja (el viejo) quiere más vivir por más oír (por más ver y oír)*; e *Quien se quiere fazer viejo (vieja) de prisa, que crie gallinas y que tome diñiplas*. São ambos registados em comunidades judaicas do Oriente. Deduz-se deles que a curiosidade e o espaço doméstico são uma tendência pessoal e um ambiente em que as pessoas de idade se assemelham, sem haver razões para distinguir os homens das mulheres.

Há um refrão todavia, em que os velhos e as velhas se opõem de maneira tão radical, como o positivo e o negativo: *Vieja en casa, droga (melezina) en casa; viejo en casa, entropozo en casa*. Quer dizer, a velha administra os unguentos, as mezinhas, os encantamentos, os remédios, e é, por isso mesmo, curandeira, ao passo que o velho não passa de um empecilho, que só atrapalha as pessoas da casa. É também provérbio registado entre as comunidades judaicas orientais de origem peninsular.

Esta maneira de distribuir por sexos as funções das pessoas de idade atribuindo uma muito importante às mulheres, e afirmando que os homens só dificultam as coisas, pode, à primeira vista, surpreender, para quem imagina as

<sup>7</sup> Obra cit. na nota 2.

<sup>8</sup> Os provérbios deste tema registados por E. S. O'KANE, são os seguintes:

1) A la vieja lo que se le apegas (prov. judeo-espanhol recolhido por Kayserling em Budapeste, Belgrado e Roustchouck).

2) Lo que la vieja quería, en el sueño (en, entre sueños, entre isfueño) li venia (lo via) (prov. judeo-espanhol, recolhido *ibid.*, por Fouché-Delbosq em Constantinopla, Adrianópolis e Salónica, e por outros autores também no Oriente).

3) Ondi va la sinteye? Al oju di la vieje (prov. judeo-espanhol recolhido na Jugoeslávica). Cf.: Adonde va la piedra? Al ojo de la ciega; Onde va la centella? Al ojo de la malograda; Ondi va la sinteye? Al oju di la bvide (todos judeo-espanhois).

4) Regostóse la vieja a los bledos, ni dexó verdes ni secos (Marqués de Santillana). Cr. *Abecósse la viella, e mal por a los ... cos (Romancea prov.)*; *Bezósse la vieja a la miel, e súpole bien (Moreno)*.

5) Tantas veces puede yr la vejezuela / a los maytines con sutoronjuela / que fallará unido con nada en verdad (Pérez de Guzmán e prov. judeo-espanhol recolhido no Oriente).

6) Una vez se engaña la vieja (prov. judeo-espanhol recolhido na Jugoeslávica).

7) Vieja en causa, droga (melezina) en casa; viejo en casa, entropozo en casa (prov. judeo-espanhol recolhido no Oriente).

8) La vieja quiere más viver para más oír (prov. judeo-espanhol recolhido em Rodes).

9) Vieja en casa, señal buena en casa (id.).

10) Cuando la vieja se quiere alegrar, se acuerda de su ajuar (id.).

11) Cuyta fase vieja trotar (*Alexandre*); cf.: Vieja con coyta trota (Arcipreste de Hita); Cuiyeta face vieja trotar e mexer ombros (*Romancea prov.*).

12) Quien se quiere fazer vieja (viejo) de prisa, que crie gallinas y que tome diñiplas (prov. judeo-espanhol).

13) El omre como el vado: recélanlo la gente antes que lo han pasado (Sem Tom de Carrión); cf.: Vieja escarmentada, regaçada (arregaçada) passa el agua (Marqués de Santillana; *Semiloquium*); Escarmiento haze la vieja como yo que alce sus haldas al passar del vado (*Celestina*). Os números 1 a 9 e 13 vêm transcritos em Eleanor O'Kane, p. 230; o número 10, *ibid.*, p. 46; o número 11, *ibid.*, p. 95; o número 12, *ibid.*, p. 118. Não me pareceu dever considerar dois provérbios citados também pela mesma autora: El Dios que te guarda de puta vieja y de mercador nuevo (*ibid.*, p. 197); Mula blanca, o vieja, o manca (*ibid.*, p. 167), porque a palavra tem valor adjectivo, e não substantivo, como em todos os outros casos.

sociedades tradicionais como regidas pelos anciãos ou os patriarcas, detentores da autoridade, da honra e da sabedoria, como responsáveis por valores não necessariamente opostos, mas complementares, da força, e, em todo o caso, superiores a ela. O refrão que comentamos não pretende, decerto, estabelecer regras hierárquicas ou juízos de valor tendentes a definir os centros da autoridade pública. Pode, mesmo, admitir-se que estas regras existam e que se definam teoricamente, com o sentido que acabamos de sugerir para as sociedades tradicionais. Sem as contradizer, portanto, o referido provérbio introduz na visão da vida uma observação realista e, por isso mesmo, um tanto subversiva: qualquer que seja a autoridade pública, quando o homem se concebe no espaço doméstico, vale muito mais o conhecimento dos remédios a que a mulher velha preside, do que o homem de idade, reduzido à inutilidade de um ser incómodo. De facto, o espaço aqui pressuposto é o da casa. Ora, no interior dela, as decisões, a gestão, a iniciativa pertencem à mulher. Aí, ela não perde nunca a autoridade, antes pelo contrário, só a vai ganhando com a idade e a experiência. O homem, pelo contrário, com uma capacidade de acção e de iniciativa próprias do exterior, fica deslocado e inútil no interior da casa. Já nem sequer aí exerce a função reprodutiva própria da juventude. O emissor deste provérbio só pode, portanto, ser a mulher de idade. Quando uma sociedade, apesar disso, o transmite e perpetua, como as comunidades judaicas de origem peninsular, que o mantiveram vivo até à época contemporânea, reconhece, por isso mesmo, implicitamente, a supremacia feminina, mesmo em termos gerais. É aquela que a mulher alcança com a experiência adquirida ao longo dos anos. O provérbio veicula, mesmo, a ideia implícita de que a acção masculina, por mais espetacular e visível que seja no exterior, é sempre efémera, ao passo que a dar mulher, apesar de escondida no lugar obscuro e no silêncio da casa, sem alardes nem ruído, é verdadeiramente eficaz e decisiva, porque cura, restaura, renova.

A comparação com os restantes provérbios medievais registados por Eleanor O'Kane para o mesmo tema não faz mais do que confirmar o que este diz de maneira tão concisa.

Um deles generaliza o que já vimos, sem comparações com o elemento masculino: *Vieja en casa, señal buena en casa*. Sem se ocupar exactamente do que é próprio da mulher de idade, o dito torna-a, pela sua simples presença, símbolo e garantia de tudo o que é bom. Não se diz que sem ela nada é bom. Mas a sua permanência na casa atrai as forças favoráveis e as bênçãos para os que nela vivem. Não se diz porquê. Mas imagina-se que a anciã surge como símbolo do que supera as contradições da vida, como quem ensina o verdadeiro saber e atrai a pacificação silenciosa, como aquela que infunde sabedoria sem discursos nem violências e vence, pela continuidade, os ritmos curtos do tempo e as suas interrupções.

A maioria dos provérbios sobre as velhas, porém, acentuam com ironia a sua eficácia, a sua persistência, a sua tenacidade e uma tal capacidade de acumular experiência que não é fácil enganá-las. É o que se pretende dizer, em *Una vez se engaña la vieja* (comunidades judaicas); *Regostóse la vieja a los bledos, ni dexó verdes ni secos* (Santillana); *Besóse la vieja a la miel, y súpole bien*

(Moreno, 1621); *A la vieja, lo que se apega* (comunidades judaicas)<sup>9</sup>; e sobretudo em *Vieja escarmentada, regaçada passa el agua* (Santillana e *Seniloquium*), com a variante *Escarmentamiento haze la vieja como yo que alce sus baldas al pasar del vado* (*Celestina*).

A polissemia deste último é especialmente notável. Não se trata apenas de acentuar que a experiência adquirida leva a velha a utilizar os meios adequados para passar por situações difíceis sem se deixar afectar por elas. O espectáculo de uma velha que atravessa um ribeiro de saias arregaçadas é uma forma burlesca de evocar também o seu desprezo pelas convenções, nomeadamente pela decência exigida às pessoas do seu sexo e da sua idade. Ao arregaçar a saias, a velha declara-se acima de tudo isso, reivindica o estatuto de quem decide das circunstâncias para saber se se deve submeter aos preceitos soais ou desprezá-los. Note-se bem, todavia, que, se as velhas são as transmissoras privilegiadas dos provérbios, se deve deduzir, no caso deste e de outros semelhantes, que, ao pronunciarem-nos, são capazes de olhar para si próprias com visível sentido de humor e de ironizar a propósito da sua condição. Não reivindicam o respeito e a veneração da comunidade onde vivem, nem sequer da família a que pertencem; mas, sem se prevalecerem excessivamente, e apesar de se exporem a situações ridículas, ou de saberem que não se lhes atribui um valor social muito grande, exprimem a convicção de serem indispensáveis.

Pode-se aproximar deste grupo outro provérbio, não menos irónico, mas que, desta vez, acentua a capacidades que as velhas têm de superar a sua própria fraqueza, se houver razão para isso: *Cayta fase la vieja trotar* (*Alexandre*), com as variantes *Vieja con coyta trota* (Ruiz) e *Cuieyta hace vieja trotar e mexer* (*Romança prov.*). Outro, ainda, é de interpretação mais ambígua. Provavelmente destina-se a observar que as velhas atraem malefícios e acidentes. Resta saber se o fazem como vítimas de circunstâncias fortuitas e imprevistas, como uma espécie de bodes expiatórios sobre os quais a comunidade descarrega tarefas desagradáveis sem atender à sua fraqueza: *Ondi va la sinteye? Al oju di la vieja* (Jugoeslândia), com as variantes *Adonde va la piedra? Al ojo de la ciega* (com. judaicas). Citemos também outro refrão que não consigo interpretar com segurança: *Tantas veces puede yr la vejezuela a los maytines con su toronjuela, que fallará un nido con nada en verdad*.

Para terminar podem-se mencionar mais dois provérbios em que se fala do comportamento das velhas. Ao contrário do que se poderia esperar, não se alude em nenhum deles ao pessimismo natural na idade. Atribui-se-lhes antes, uma capacidade de imaginação e de transfiguração da realidade que contrasta vivamente com as qualidades de persistência e de eficácia nas coisas pequenas evocadas nos ditos mencionados mais acima. É o que se insinua em *Lo que la vieja quería, en el sueño (entre sueños) li venia (lo vía)*; e *Cuando la vieja se quiere alegrar, se recuerda de su ajuar*. Foram ambos recolhidos em comunidades judaicas do Oriente.

<sup>9</sup> O sentido deste dito pode deduzir-se da sua comparação com o seguinte: *Quien la miel trata, siempre se le pega della* (*Celestina*). Compare-se também com o citado anteriormente, para mostrar que as velhas sabem apreciar as coisas boas, e por isso não as largam facilmente.

O sentido predominantemente positivo dos provérbios acerca das velhas contrasta com a maioria dos que se referem aos velhos, onde em geral prevalece o sentido negativo. Sendo mais numerosos do que os que visam o outro sexo, não pode deixar de se notar o seu variado e insistente juízo depreciativo: *Do viejos non lydian, los curevos non gradan* (*graznan*); *Home viejo de castigar y pellon prieto de espulgar, malo es*; *Viejo en caze, intrupezu in caze*; *Viejo malo y taphel* (*intriguista*); *Un viejo cagón, pur mansevu dragón*; *Viejo y zanai* (*lúbrico*); *Más presto se asenta una mesa de barbudos que una de mendrugos*; *El viejo y el horno por la boca se calientan*; *Ni con chicos, ni con viejos*; *Huelga viejo, que bien paçe tu asno*; *La que toma marido viejo, toma el basín por espejo*; *El viejo en su tierra, y el moço en la agena, mienten quando quieren*; *El mozo por no saver, el viejo por no puerder, dejan las cosas perder*; *El pajar viejo quando se enciende, malo es de apagar*; *Al perro viejo non le digas quiz quiz (non le chama chucho)*; *De que sudáis viejo? De comer con mancevos*<sup>10</sup>.

Pelo contrário, os refrões que acentuam os aspectos positivos da velhice masculina são muito menos frequentes e expressivos. Encontrei apenas os seguintes: *Todo lu viejo ez negru, il vino viejo bueno*; *Manto viejo puede valer más que nuevo sin costura*; *Dicho de viejo, dicho de ley*; *Si quieres bivar sano, faste viejo de temprano*. Mesmo nestes, como se vê, só o primeiro tem um sentido absoluto; já no segundo, que exprime a mesma ideia, se nota a restrição *puede*. No outro, que atribui aos velhos a função de ditar a lei, nada se diz acerca do seu comportamento (que pode contradizer as suas sentenças). E no último, considera-se a prudência habitual da gente de idade como um hábito que, afinal, se pode adquirir desde jovem<sup>11</sup>.

Há ainda um certo número de provérbios que associam os velhos à honra ou que mostram alguma admiração pela sua experiência (não necessariamente positiva). *Al viejo por onor, al mancebo por dolor*; *Sos viejo honrado, ten tu cavod* (*honra en la mano*); *Viejo (y) honrado, tiene la honra en la mano*; *A todo pardal viejo nol toman en todas redes*; *El pardán viejo, malo es de tomar*. Note-se bem, todavia, que ao associar a honra à velhice, os ditos citados contêm também um convite aos homens de idade para que sustentem a honra com atenção e cuidado; de contrário de nada lhes valerá a velhice. Aqui o sentido de «honra» coincide decerto mais com o de «autoridade» e «respeito», do que com o de «honestidade» com o qual veio a contaminar-se mais tarde<sup>12</sup>.

Como se vê, o estudo atento dos provérbios medievais revela alguns traços curiosos e, à primeira vista, um tanto inesperados, das sociedades populares tradicionais. O papel atribuído às mulheres de idade na transmissão da sabedoria comum que aqui descobrimos, apesar de mais subentendido do que claramente afirmado, tem que ver com sociedades que atribuem a maior importância à estabilidade e à reprodução (no sentido de perpetuação do mesmo estado, não no

<sup>10</sup> A maioria destes provérbios encontram-se em Eleanor S. O'KANE, *o.c.*, pp. 230-231. Os outros encontrar-se-ão facilmente na mesma colectânea, a partir dos concitos remissivos dados pela autora *ibid.*, p. 231.

<sup>11</sup> Provérbios transcritos respectivamente *ibid.*, p. 232, 154, 102 e 209.

<sup>12</sup> Sobre o conceito de «honra», cf. J. MATTOSO, *Portugal medieval, novas interpretações*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985, pp. 249-252.

de multiplicação e expansão) e pressupõem que o *lugar* onde estes valores se jogam é no espaço doméstico, no interior da casa. Se os jovens asseguram a defesa e a reprodução física, a alimentação e a fecundidade, são as velhas quem garante a transmissão do saber e a capacidade para aproveitar os pequenos nada. Os velhos, que, pelo sexo, haviam exercido, na força da idade, a função do combate ou do trabalho, e que, agora, mal podem sair de casa, são, dentro dela, verdadeiros empecilhos, que consomem sem produzir a nem sempre merecem a honra que reivindicam.

Ordem de valores e de práticas afirmada apenas nas entrelinhas, apenas subentendida, veiculada por meio de ditos irónicos e, por isso mesmo, subversivos de uma *outra* ordem afirmada e ditada pelo sexo masculino no vigor da idade: a da lei, a da hierarquia, a da força. Aquela que é necessariamente, mas apenas, a ordem *externa*, e que os provérbios a todo o passo põem em causa. Não propriamente para a substituírem por outra antagónica e do mesmo nível, mas para, nas suas fissuras, deixarem transparecer uma ordem de natureza diferente: a da prática, a do lado de dentro das coisas, a ordem feminina. Esta é, apesar de oculta, tão necessária como a primeira, porque sem uma não pode existir a outra. A exterior, que tende a considerar-se a si própria como absoluta não pode, afinal, passar sem a interior.

Hoje, felizmente, os conceitos modernos acerca da idade física são mais subtis e mais maleáveis. Teme-se a velhice, mas respeita-se mais a autoridade que a experiência com ela traz. Deixou de haver uma oposição entre a velhice masculina e a feminina. Impôs-se a ideia de que a pessoa idosa tem o direito à veneração, ao respeito e ao descanso. É a época da vida em que aqueles que muito semearam podem tranquilamente colher. Por isso me apraz dizer que, ao cabo de tantos anos de trabalho fecundo e de tão variadas actividades, Emilio Sáez é, para a grande casa dos medievalistas hispânicos, aquela *señal buena*, que é símbolo da fecundidade persistente e tranquila. Dedico-lhe esta quase brincadeira medieval, com toda a amizade e com os votos de que entre nós continue por muitos anos a ser este mesmo sinal.

JOSÉ MATTOSO  
Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

## ALÍ DORDUX, UN PERSONAJE CONTROVERTIDO

De Alí Dordux, rico comerciante vecino de Málaga al tiempo de su conquista por los Reyes Católicos, se conocen bastantes cosas, pero no todas.

Tanto los cronistas contemporáneos suyos como los historiadores posteriores coinciden en definirlo como un rico, opulento, acaudalado comerciante<sup>1</sup>. El más «caudaloso»<sup>2</sup>. «Opulento»<sup>3</sup>. Pero a la vez «vir magnanimus inter alter»<sup>4</sup>, dadivoso y caritativo para con los demás<sup>5</sup>, de munificencia sin límites aseguran algunos<sup>6</sup>. Querido y tenido como padre del pueblo<sup>7</sup>. A veces le anteponen el calificativo de «honrado»<sup>8</sup>, o le distinguen como moro principal de gran valimiento<sup>9</sup>, «muy principal»<sup>10</sup>, «de gran autoridad»<sup>11</sup>. También tuvo fama de valiente, y creemos que bien merecida<sup>12</sup>, pero a la vez inteligente y astuto. Alonso de Palencia, el cronista cristiano que estaba entre los moros, le conocía mejor que nadie asegurando que era «tan notable por la agudeza de su ingenio como por sus riquezas»<sup>13</sup>.

<sup>1</sup> Miguel LAFUENTE ALCÁNTARA, *Historia de Granada*, Granada, 1843-46, IV, pág. 7, dice que sus carabelas, cargadas con los productos de la tierra y la industria granadina, recorrían todo el Mediterráneo, siendo conocidas y respetada en Pisa, Florencia, Venecia y toda la escala comercial del Oriente.

<sup>2</sup> Jerónimo de ZURITA, *Anales de la Corona de Aragón. Los cinco libros primeros y postreros*, Zaragoza, 1567, Primera parte, fol. 350.

<sup>3</sup> Alonso de PALENCIA, *Guerra de Granada*, escrita en latín. Traducida al castellano por D. Angel Paz y Meliá, 1909, V, págs. 311-312. W. PRESCOTT, *Historia del reinado de los Reyes Católicos*, Traducción del inglés por Atilano Calvo Iturburu, Madrid, 1955, pág. 154.

<sup>4</sup> Pedro MÁRTIR DE ANGLERIA, *Opus epistolarum Petri Martyris Anglerii Mediolanensis...*, Amsterodami M.D.C.LXX.

<sup>5</sup> LAFUENTE ALCÁNTARA, *ob. cit.*, IV, pág. 7.

<sup>6</sup> Nota anterior.

<sup>7</sup> Andrés BERNÁLDEZ, *Historia de los Reyes Católicos Fernando e Isabel*, Madrid, 1878, c. LXXXIV.

<sup>8</sup> MARTÍNEZ DE LA ROSA, *Hernán Pérez del Pulgar, el de las hazañas*, Madrid, 1834, pág. 25.

<sup>9</sup> Diego de VALERA, *Crónica de los Reyes Católicos*, Edic. y estudio de Juan de la Mata Carriazo, Madrid, 1927, c. LXXXVI, pág. 266.

<sup>10</sup> Jerónimo de ZURITA, *ob. cit.*, fol. 350 v.

<sup>11</sup> Alonso de PALENCIA, *ob. cit.*, pág. 312.

<sup>12</sup> Coinciden en ello Zurita, Alonso de Palencia y Mártir de Angleria.

<sup>13</sup> Alonso de Palencia, el cronista cristiano que vivía entre los moros, le conocía mejor que los que estaban en el campo contrario. Cuenta que a los que querían resistir les hizo ver que debían seguir en todo los preceptos de Mahoma «despreciando el sufrimiento» y que en el peor de los casos «su fe promete a los fieles felicidad». Por el contrario a los que estaban dudosos de entregarse por evitar lo peor, les hacía ver el grave daño de su dilación en decidirse (véase nota 3).